

Aquele foi o ano em que os santos tremeram e cravaram em Deus os seus olhares perplexos. As forças do Demónio, que a espada e a fogueira por tanto e tanto século haviam sepultado, ganhavam para o Mal um terço do Planeta: os bolcheviques tinham triunfado.

Foi o ano em que Deus, envelhecido, e já um tudo-nada cauteloso, mandou a sua mãe que abalasse em recado a terras portuguesas que, apesar da República, pareciam ser ainda as de melhor ouvido para admoestações.

Foi este o ano em que José Sebastião, soldado, enxugando no lenço o suor do alívio, esconjurou definitivamente a sombra malcheirosa das trincheiras. Isto não porque a guerra tivesse terminado, mas porque a filha única do coronel Pimenta de Albuquerque, grávida de dois meses, se lançou da janela do seu quarto casando-se, a seguir, com o ditoso amante.

I

Como todas as vilas recolhidas, afastadas das grandes capitais, as notícias chegavam a Vilerma tardiamente e muito acrescentadas. A Revolução Russa e o milagre de Fátima vieram a um tempo, entrelaçados, como formas visíveis do tremendo combate de Deus e do Diabo, que arrastava consigo a perdição do mundo.

O padre Benjamim, subitamente pálido, apoiava no ventre, sobre o lado direito, a mão consoladora. Queixava-se do fígado e o vinho da missa tornara-se-lhe amargo.

Andava assoberbado de trabalho, com novenas e preces, mortes e confissões. Uma gripe maligna e a tuberculose cavalgavam nas vilas, exterminavam. Demonstrando alguns restos de decência, preferiam, na escolha, os casebres dos pobres, o que tornava breves as cerimónias de enterro e indignava apenas os fazedores de campos luxuosas, com mármore e doirados e mãos vindas do chão a segurar nas jarras de alabastro.

O milagre de Fátima deixara o padre Benjamim perplexo. Dera em falar sozinho e em vomitar. Escrevera para Lisboa, pedindo informações, pormenores que lhe dessem alguma garantia. Mas, não tendo resposta, resignou-se, supondo que até mesmo o cardeal estaria tão espantado como ele.

Secretamente, entrara-lhe a inveja pelo corpo moído das insónias. Naquela vila branca e infecunda, ele sempre esperara qualquer coisa, um sinal que descesse da lua derretida ou mesmo uma criança que nascesse a declamar os salmos em latim, só um pe-

queno sopro perfumado que lhe ateasse as velas no altar. Enfim, uma qualquer divina distinção.

Quando morrera o rei, caçado como um láparo no Terreiro do Paço, o padre começara a jejuar e apertara os dedos com arame. Depois, a fome e a dor trouxeram-lhe humildade. «Quem sou eu, para assim forçar os céus?» — dissera, ajoelhando e pedindo perdão, enquanto da cozinha vinha um cheiro a guisado.

Desde então, nem a vinda da República conseguira arrancar-lhe excessos de devoção. Mas no fundo da alma acreditava que, ao mostrar-se discreto, agradaria aos santos. E aquele milagre, acontecendo assim, com todo o aparato, fazendo, ao que diziam, descer o sol dos céus, punha na sua fé um travo a decepção pois que se dera longe, numa terra de ovelhas que nem no mapa vinha.

A ameaça bolchevique não o chegava mesmo a perturbar. Era para ele notícia falha de fundamento, uma história inventada por imaginações perigosas e doentes, talvez pelos soldados que em França se perdiam em antros de pecado e alucinação, fumando por boquilhas, em delírio, nos intervalos da guerra.

Para o povo de Vilerma, que acorrera à igreja procurando, aturdido, uma explicação, o padre Benjamim, sonolento e absorto, foi perdendo prestígio. Saltava até as linhas do missal. E então, pouco a pouco, envergonhadamente no princípio e depois numa espécie de fuga colectiva, as pessoas correram para a bruxa Gertrudes que, passado um ano, comprou uma vivenda com jardim em Lisboa, pagando a um notário, seu amigo recente, para lhe mudar o nome e a idade, e mandando pôr toda a dentadura.

Até ali, a bruxa tivera apenas voz nos casos de nervoso e falta de apetite, e ensinava às mulheres beberagens de amor.

Quando o povo da vila, que incluía o doutor Felismino Miranda em nome das famílias de mais rija fortuna, começou a pedir-lhe protecção contra o grande tumulto que estalava no mundo, Gertrudes vendeu pó, ervas, venenos, ensinou um a um tremendos esconjuros e instruiu as moças casadoiras para passarem em claro noites de lua cheia, andando em roda nas encruzilhadas.

II

Se bem que a vila parecesse protegida pelos cuidados mágicos da bruxa, não tendo sido lobrigado um único demónio ou bolchevique à espreita nos quintais, a chegada de Saca causou perturbação.

Saca era o nome público de um homem que aparecia, duas vezes por ano, trazendo na carroça, dentro de tabuleiros, uma explosão de coisas miúdas e doiradas, dedais, anéis, relógios, saca-rolhas. Parando aonde queria, ou porque houvesse riso de espanholas, ou porque alguém tocasse concertina, ou porque o velho macho que o ia carregando de terra para terra lhe desse a entender que precisava de descanso, Saca levava normalmente um mês no seu caminho de Lisboa até Vilerma.

Assim que lobrigava o casario, Saca fazia ouvir o seu sino de cobre. E parava no adro da igreja, o que uns anos atrás enfurecera o padre, até que o vendedor lhe trouxe um crucifixo debruado a rosinhas-de-toucar.

Saca piscava o olho ao rapazio fiel e, enquanto dispunha os tabuleiros com os seus conteúdos reluzentes, fazia a narração das novidades. Nunca ninguém o ouvira a fazer propaganda da sua mercadoria. As pessoas chegavam, mexiam, experimentavam, perguntavam o preço e olhavam pensativas. Saca contava, imperturbavelmente, uma, duas, dez vezes os crimes dos ciganos, as modas de Paris e as saídas às ruas dos grandes estadistas. Como dizia o professor Cristóvão, passando pela testa o dedo filosófico,

naquele vendedor havia alma de cronista e ele mesmo, professor, se o Saca resolvesse assentar em Vilerma, o ensinaria a ler e a compor redacções.

Mas Saca recusava, com um gesto vívido, a repetida oferta. «Pois pode ser — dizia — que eu aprendesse a ler. E de que me servia? Ficava sem assunto. Em Lisboa é que as coisas acontecem. Para não falar de França, que é de lá que vem tudo!...»

Passava, soberano, a mão pela cabeça do macho melancólico. O povo, à sua volta, estremecia de admiração. E Saca retomava o fio das novidades.

Naquele nascer de Inverno, quando Saca chegou, as pessoas notaram-lhe uma certa mudança. Espalhou os tabuleiros com precipitação e até mesmo os miúdos, que não compravam nada, puderam reparar como eles vinham vazios, uma pulseira aqui, um alfinete além, os bilhetes-postais espalhados sobre o fundo, como a dar ilusão de uma antiga abundância.

Logo que se instalou, sem mesmo verificar se já tinha audiência que merecesse o discurso, o vendedor falou. Mas falava sem rasgos comoventes, sem o torcer do corpo e o adejar das mãos, sem a saliva que lhe costumava rebentar na boca fervorosa.

Ficou solene e quieto como a pedra, colocou o olhar para lá dos ouvintes, para lá de Vilerma, sobre o grande infinito e informou:

— Aqui o grande Saca termina os seus caminhos. O mundo vai estoirar. Em Lisboa, os operários saíram para a rua. As mulheres, com a fome, partem os vidros das mercearias. Além disso, acabou-se o açúcar no mercado. Os padres têm medo e eu também. Se Vilerma não for longe que chegue, não sei para que lugar havemos de fugir.

Com uma estranha insensibilidade perante o desespero que cobrira de súbito a manhã, o povo desfilou, serenamente, de olhar esbugalhado e em silêncio, em frente da carroça arruinada. Saca foi repetindo, sem que fizesse a mais pequena alteração ao texto, a confusa mensagem da catástrofe.

Os últimos a vir foram os militares, formados num rectângulo onde as armas brilhavam sob um céu de cetim, gelado e distante. E o capitão Mateus, numa voz afinada para o estrondo da guerra,